



A CONSTRUÇÃO DE UM MONUMENTO DEMOCRÁTICO DENTRO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Lourena Cristina da Silva Lima ¹

RESUMO

Este estudo é um recorte da disciplina História da Educação em Sergipe, lecionada pelo Professor Dr. Itamar Freitas do Departamento de Educação. O presente estudo busca compreender a construção do Memorial da Democracia na Universidade Federal de Sergipe (UFS) com foco principalmente na expressão política que representa. Tem como principal objeto de pesquisa análises bibliográficas, compreensão de entrevistas lançadas no Portal da Universidade (Portal UFS), somado à coleta de informações de caráter qualitativo junto aos alunos acerca da edificação. Sequencialmente, o texto justifica-se pela carência de estudos voltados para um espaço constantemente frequentado, mas também propõe-se a indagar sobre a clareza e relevância dessa construção aos discentes da universidade.

Palavras-chave: Democracia. Política. Memorial. UFS.

INTRODUÇÃO

As discussões iniciais deste texto foi realizada no período letivo de 2019.2, em um grupo composto pelas alunas: Inara Larissa Carregosa dos Santos, Lourena Cristina da Silva Lima, Milena Pereira Santana Souza e Nívea Juliana Souza Silva Santos.

Este trabalho busca discutir sobre a construção do Memorial da Democracia na Universidade Federal de Sergipe e explorar as opiniões populares acerca dos motivos para criação desta praça. Entrementes, a sequência lógica discorrida no texto pretende compreender o significado da palavra democracia, a importância da legitimação de um estado democrático no Brasil, os problemas indiscutivelmente perpetuados na população e a exposição do cenário político brasileiro nos anos de 2014 a 2016.

¹Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe – UFS, e-mail: lourenacristina1997@hotmail.com



Em consequência, o entusiasmo democrático dos primeiros tempos cede lugar ao desencanto, à apatia e até a hostilidade em face de distorções que, muitas vezes, envolvem políticos e instituições democráticas, isso é ainda mais grave quando, municiada pela livre circulação de informações que caracteriza o ambiente democrático, a opinião pública toma conhecimento de seguidas e continuadas práticas de corrupção envolvendo membros do governo, do parlamento e dos partidos políticos. (MOISÉS, 1995, p. 83)

Logo, os motivos que levaram a idealização da praça podem ser considerados como um reflexo não apenas da política, mas das consequências sociais do sistema econômico brasileiro.

Ao discutir tais questões foram realizadas pesquisas exploratórias baseadas em entrevistas publicadas na época da construção com o intuito de obter informações básicas sobre a praça. Tais como: O que é o Memorial da Democracia? Qual o motivo da sua construção? Em qual momento político o projeto foi elaborado? O que os estudantes das universidade sabem sobre o espaço? No que concerne a essa última indagação, afim de obter percepção de sua estrutura (antiga e atual) bem como apropriação do lugar, foram elaborados dois questionários de caráter qualitativos com ex e novos estudantes. Dessa forma, almeja-se coletar resultados claros que enfatizem a relevância estética e reflexiva do ambiente, pois a arquitetura visa demonstrar e rememorar história para a comunidade acadêmica.

METODOLOGIA

A pesquisa foi desempenhada através de revisões bibliográficas buscando o entendimento do que deveria ser um governo democrático, como também as dificuldades do Brasil em implementar este sistema político vigente, uma discussão acerca das entrevistas fornecidas pelo idealizador da Praça da Democracia e do Reitor da UFS, no dia de inauguração. E por fim, a identificação das opiniões públicas, neste caso da comunidade acadêmica, sobre as convicções do que o memorial vem a representar dentro da universidade.



A decisão dos alunos que se dispuseram a ser entrevistados foi medida pelo tempo de estudo do discente na instituição, pois o intercalo entre alunos novos e antigos foi necessário para a apropriação de conclusões especificadas no texto.

As entrevistas foram feitas com quatro alunos presencialmente no período letivo de 2019.2, os quais obtiveram seus nomes censurados sendo utilizado assinaturas fictícias no texto. Dessa forma, faz-se presente concepções diversas e de suma importância para uma conclusão plausível.

REFERENCIAL TEÓRICO

Democracia: um governo do povo e para o povo. Corriqueiramente incumbe a coletividade. Ao ser considerado um sistema governamental contrário ao autoritarismo, a democracia é “o que dá suporte geral, é, pois, o interesse comum, e é com base nesse interesse comum que a sociedade deve ser governada.” (DURIGUETTO, 2007, p. 41). Assim, ratifica a participação civil como maior peso a ser considerado por aquele que governa o país, e ele tem o dever de exercer um sistema político voltado diretamente para a população.

[...] democracia é sinônimo de defesa do “interesse comum,” de construção de hegemonia no pluralismo, da formação de consensos no interior e a partir dos interesses da classe, visando a constituição de uma vontade coletiva emancipatória que coloque no horizonte das lutas políticas dos trabalhadores a erradicação das formas de produção e reprodução das relações sociais capitalistas. (DURIGUETTO, 2007, p. 105-106)

Um governo “do povo” assume peculiaridades como uma base governamental político-democrático, o qual remete a luta das classes e a labuta popular por liberdade política. Outrossim é um governo que edifica a liderança civil e preza pela defesa dos mais desfavorecidos socialmente. Conforme os estudos de Schumpeter, “a democracia é, essencialmente, um mecanismo de registro das amplas e genéricas aspirações das “pessoas comuns” [...]” (MOISÉS, 1995, p. 193). Assim, a busca pela equidade social é enraizada nos paradigmas da democracia. Sua essência busca sólidos atributos que ajudem na quebra da desigualdade social e fragmentação das classes.

A relevância sócio histórica da democracia deve proferir respeito por parte dos governantes. É de suma importância massificar o sentimento de orgulho da sociedade a



este protótipo governamental, intensificar os interesses políticos e utilizar da força necessária para que a voz do cidadão tenha significância nos atos de decisão. É nesse contexto, que um governo democrático torna-se válido e judicioso.

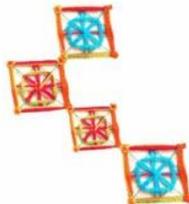
No Brasil, o processo de legitimação democrática não foi facilmente estabelecido tendo em vista que a participação social dentro de um contexto político não teve o devido reconhecimento. A autonomia nos aspectos econômicos, culturais e sociais eram os pilares daqueles que poderiam controlar toda e qualquer ascensão comum, como também, gerenciar economicamente a população (o que é inegavelmente imparcial devido às nítidas desigualdades sociais com abundantes disparidades).

Preferíveis às alternativas autoritária e totalitária porque asseguram a disputa pacífica por bens disponíveis, eles convivem com enormes desigualdades sociais, sexuais raciais etc. e com a não menos importante divisão entre governados e governantes. (MOISÉS, 1995, p. 83)

Logo, a ausência de sensatez do pensamento democrático e as atitudes no ato da construção de um sistema oficial de governo para “pessoas comuns” torna-se pobre, o que resulta em características competitivas. Ou seja, os interesses individuais se legitimam e isto posto eleva as fragmentações das classes e a perda dos valores éticos e morais.

Além do mais, a consolidação democrática da nação brasileira foi marcada por um processo lento. O país foi grafado por interferências políticas como o Estado Novo (1937) e o Regime Militar (1964). Em seu livro *Sociedade Civil e Democracia*, Maria Lúcia Duriguetto nos mostra o breve momento de esperança político-social devido ao considerável sentimento de revolta dos trabalhadores urbanos e rurais. Contudo, a autocracia burguesa reverteu o caso com a efetivação do desenvolvimento econômico já presente no país e ações antidemocráticas se estabeleceram, freando o possível acesso de alternâncias sociais. (DURIGUETTO, 2007, p. 142)

No início dos anos de 1970, com a crise do milagre econômico² que marcou o crescimento do capitalismo brasileiro e posteriormente se caracterizou como um conjunto de problemas para a democracia já estabelecida no país, a resistência popular expande-se e em meados de 1974 inicia um processo eleitoral (DURIGUETTO, 2007).



Porém, o advento das eleições não efetivara a política do povo no Brasil. Esse momento foi marcado como um átomo essencial de transição entre os anos de 1974 e 1985. Com a ascensão capitalista (fator de relevante para a consolidação de um estado democrático) a nação torna-se ligeiramente popular. No entanto, as peculiaridades do capitalismo são evidenciadas nesse novo sistema de governo e apresentam características nostálgicas aos aspectos socialmente vivenciados pela população.

O sistema econômico capitalista é o principal utilizado na contemporaneidade. Suas bases estabelecidas pelo livre mercado, propriedade privada e mão-de-obra assalariada dão seguimento não só na sensação de competitividade entre líderes das nações, mas também nos cidadãos. Isso ratifica o posicionamento individualista enraizado no público em massa.

Nesse sentido, a desigualdade social gerada pela divisão de classes (que é inerente a esse sistema econômico pois a acumulação de capital é possível somente por meio da exploração da força de trabalho) torna-se cada vez mais defasada e fragmentada, o que norteia a sociedade a um pensamento hostil, como a volta de um país que não é autenticamente organizado. A legitimação da democracia seria a justa causa para o fim dessas polarizações. Mas, se não ocorre, qual o verdadeiro sentido da democracia?

A ideia é que ambiguidades típicas da democratização brasileira como essas, ao dar origem a um regime definido, em grande parte, pela “mistura” de instituições democráticas com elementos do passado autoritário, confundem a percepção dos públicos de massa e dificultam a consolidação da democracia (MOISÉS, 1995, p. 191)

As “novas democracias” apresentam características, inevitavelmente, contrárias ao que se espera de um governo democrático. A igualdade social contida em discurso não é efetiva. Nota-se a falta de qualificação aos cidadãos que anseiam ter voz dentro do contexto político (MOISÉS, 1995, p. 83).

2. O milagre econômico (1968-1973): Refere-se ao crescimento econômico no Brasil, com o PIB (Produto Interno Bruto) alcançando cerca de 11,1% de crescimento anual. A abertura ao capital exterior e os avanços nas exportações soma-se a fundação de várias estatais como Telebrás, Embratel e Infraero. O momento crítico começa com a paralisação de empréstimos recebido pelos Estados Unidos e o pagamento de juros abundantes da dívida externa adquirida. Consequentemente, o salário mínimo diminui de forma exorbitante e há desvalorização do poder aquisitivo populacional. Resultado: crescimento da pobreza, aumento da inflação e poucos investimentos em serviços básicos (saúde, educação e previdência social).



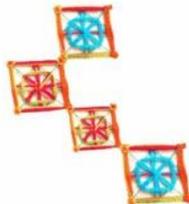
Em suma, a concepção de liberdade no que concerne à política para os liberais é inevitavelmente unilateral. Isto é: o apego aos interesses unicamente individuais está em desacordo com a regulamentação democrática. Na verdade, a criação das leis que regem uma população devem ser asseguradas e criadas por ela mesma. Dessa forma, a participação social estaria dentro de uma ação política igualmente acessível a todos. (Rousseau, 1973: 19-20; 136-139; cap. 8-37 apud Duriguetto, 2007, p. 40).

No Brasil, a democracia burguesa (com aval do poder judiciário e legislativo) manifesta o notório desrespeito à política democrática do povo. Os altos índices de corrupção tornaram-se um grande fator para que uma parte da população aspirasse a volta do regime militar (ainda que sendo considerado um governo autoritário, suas características organizacionais poderiam levar a pátria “de volta ao eixo”). Entre os anos de 2014 e 2016 a democracia foi posta em questão. O cargo de presidente da república era ocupado por uma mulher: Dilma Rousseff. Em 31 de agosto de 2016 ela sofreu um *impeachment*, ou “foi arrancada da presidência da República porque foi considerada incapaz de permanecer à frente dos interesses capitalistas.” (BRAZ, 2017).

O impeachment vem se constituindo recentemente, em especial na América Latina, numa forma “democrática” de depor governos que, embora já tenham servido aos interesses do grande capital, já não servem ou os contrariam em alguma medida. (BRAZ, 2017, p. 89)

Nesse cenário caótico, a educação não se ausentou de dar sua referidas opiniões e contestações. As Universidades Federais, como produtoras científicas, parecem explorar com veemência o discurso de um governo popular. Então, no período em que a democracia sofreu graves ataques, surge uma voz em Sergipe. O professor Fernando Araújo Sá – Departamento de História (DHI) da Universidade Federal de Sergipe (UFS) – juntamente com o apoio do Reitor Ângelo Antonioli idealizou o Memorial da Democracia na UFS. Segundo foi descrito no Portal UFS, esse foi o “grito” de uma personalidade ativa, que atua contra a volta de um passado hostil e luta para o processo de redemocratização posterior ao regime militar de 1964 no Brasil.

A gênese do projeto, segundo o criador, nasceu de um desgosto diante da democracia que vinha sendo posta em questão no país e reproduzida pela comunidade acadêmica dentro da universidade. A praça da democracia foi pensada com base em um sentimento, sendo ele a recuperação da memória do povo. De acordo com o autor



Edmund Burke, “Um povo que não reconhece sua história está condenado a repeti-la”. Essa frase está em completo acordo com o intuito deste Memorial, pois a partir dela inicia-se o método de recuperação e condecoração da Democracia no país. É um espaço de interação de várias tribos, não mantém exclusividade acadêmica e foi fundada para apropriação do espaço pelo povo.

Inaugurado em 2017, o memorial abriga a interação entre passado, presente e futuro. De acordo com o docente planejador, a praça foi construída com o objetivo de levar as novas gerações a importância da consolidação, manutenção e luta democrática. Em entrevista na noite de inauguração, 12 de setembro de 2017, Fernando Sá revelou que “Quando a gente diz memorial não é só o monumento, são também ações práticas de valorização e consolidação da democracia na UFS, porque aqui também nessa mesma época emergiram algumas ideias de tendência fascista que me incomodaram profundamente. Então, é um desagravo a essas tendências autoritárias que tem na nossa comunidade...”. As palavras ditas pelo professor foram postas nesta obra de grande relevância para a comunidade como um todo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Memorial da Democracia localizado na área central no Campus de São Cristóvão (Cidade Universitária Aloísio de Campos), possui área verde de 10.201,43 m² e extensão de 16.910,00 m². Tem por função ser um ambiente de comunicação e aprendizado que busca em cada indivíduo uma forma de lembrar e refletir os acontecimentos do passado, os quais são capazes de mudar e moldar as ações futuras. Sua estrutura foi pensada de forma que os visitantes pudessem observar os painéis que estão expostos por toda a praça com frases que remetem às experiências vividas no período ditatorial. De acordo com Júlio Santana, um dos engenheiros responsáveis pelo projeto (Dipro/Infraufs):

“Por ser um memorial tínhamos o desafio de coletar essas frases que rodeiam a praça e pensar em cada mobiliário para ter uma semântica forte e um apelo visual agradável. Os painéis de concreto criam uma semântica espacial que faz com que os visitantes tenham interesse em percorrer esses caminhos.”



O principal monumento, que fica no centro da praça, foi inspirado no Memorial da América Latina (Barra Funda, São Paulo), mais precisamente na obra projetada por Oscar Niemeyer chamada “Mão”. Possui um design composto por três mãos abertas: a representação entre os pilares da verdade, memória e justiça. Em entrevista, o Reitor da Universidade cita o impacto deste símbolo: “[...] a mão estendida significa que ela está ávida, ávida ao diálogo, ávida a estabelecer as relações entre os homens, mas fundamentalmente a expressão das palavras e das ações”.

Composto por oito esculturas de concreto, um monumento central, iluminação cênica em LED com sistema RGB (que possibilita diversas opções de cor), vinte e seis painéis informativos de vidro e alumínio composto e um palco acessível com área de 180m², o Memorial da Democracia é uma proposta de materialização do significado político, público e coletivo de fortalecimento da política democrática, cujos pilares – Verdade, Memória e Justiça – estão representados, no monumento central, por mãos abertas ao diálogo.

Atualmente, a estado democrático do país ainda se encontra em ameaça. A democracia burguesa está cada vez mais densa e acentuada. Dessa forma, o espaço vem sendo utilizado como um palco para as discussões de resgate e valorização da democracia no país. Encontros importantes como a presença do ex candidato à presidência da República, Guilherme Boulos, que visitou a UFS em 17 de maio de 2019 e a presença de estudantes sindicalistas que reuniram-se em assembleias com o objetivo de barrar comprimidas tentativas do governo atual – Presidente Jair Messias Bolsonaro (que insiste em projetos prejudiciais para a Universidade como um todo). No palco central da praça ocorreram manifestações culturais, como rodas de rima e expressões variadas, e a interação entre jovens moradores da comunidade circunvizinha e os discentes.

Com base nas circunstâncias descritas, faz-se necessário refletir sobre essa construção. Não apenas os motivos que levaram a ela, mas também se o objetivo pelo qual foi construída gerou resultados. Além da participação do público é imprescindível que se discuta a ideia que se tem dela, sua magnitude, qual a mensagem que ela passa aos frequentadores no que tange à democracia. Assim, para que possamos notar a percepção que se tem da praça, foram realizadas entrevistas com dois grupos de pessoas: Ex-alunos, que puderam relatar como era o espaço antes da construção e atuais alunos da UFS.



2.1 ENTREVISTAS

- **Ex Alunos:**

Entrevistado: Lucas (2010-2015)

Quais tipos de atividades eram realizados no espaço onde hoje é praça?

L: Sendo sincero, os estudantes não usavam muito aquele espaço para lazer, mas durante a noite era comum verificar estudantes e pessoas da comunidade local usando drogas na antiga concha acústica e nas árvores. Além disso, como a região era escura, já presenciei estudantes fazendo sexo próximo do horário de encerramento das atividades no campus. Entretanto, como o espaço era mais aberto, as calouradas e eventos estudantis eram realizados na concha acústica e usavam toda a área.

Qual a sua opinião a respeito da construção do memorial?

L: Na minha opinião, a praça foi uma das melhores construções que foi realizada até hoje no campus, pois o único local de lazer que tínhamos era o DCE (Diretório Acadêmico Estudantil), que possuía sinucas e videogame. No entanto, com o encerramento dessas atividades, a comunidade ficou sem um local para o descanso e interação pessoal. Hoje os universitários além de descansar podem estar em contato com a natureza em um ambiente calmo e agradável.

Entrevistado: Pedro (2012.1 – 2019.1)

Quais tipos de atividades eram realizados no espaço onde hoje é praça?

P: Diversos alunos utilizavam o espaço para usar drogas e bebidas alcoólicas, esporadicamente haviam eventos de cunho cultural na concha acústica.

Qual a sua opinião a respeito da construção do memorial?

P: Excelente, pois trouxe um novo ambiente para a interação dos estudantes da universidade, apesar dos mesmos estudantes terem denegrado parte do memorial.

- **Alunos atuais:**

Entrevistado: José Carlos (iniciou em 2016.1)



Qual a sua opinião sobre o Memorial da Democracia?

JC: Não posso falar muito, pois conheço muito pouco. Acho uma boa ideia, porém chama pouca atenção das pessoas que passam por ali. As cores não dão destaque ao texto.

Quais atividades você costuma realizar nesse espaço?

JC: Só de passagem. Muito rápidas.

-Entrevistado: Samara (iniciou em 2017.1)

Qual a sua opinião sobre o Memorial da Democracia?

S: Eu ainda não parei para analisar ele, nem ler as frases.

- Quais atividades você costuma realizar nesse espaço?

S: Nesses espaços eu as vezes deito e mexo no celular.

As entrevistas de caráter qualitativo foram feitas entre os dias 02 e 05 de março de 2020. Os nomes foram mantidos em sigilo e modificados a pedido dos estudantes. A escolha das perguntas tinha o intuito de identificar as diferenças entre o antes e depois da construção, a interação social na praça e principalmente captar se as pessoas que a frequentam sabem o motivo da construção e o interesse nas manifestações democráticas espalhadas pela praça.

A Universidade Federal de Sergipe comporta no Campus de São Cristóvão cerca de 30.000 mil (trinta mil) estudantes entre Graduandos e Pós-Graduandos. O monumento construído em 2017 acomoda toda a comunidade acadêmica e o corpo social próximo a UFS. Como já descrito, pelo seu planejador (Fernando Sá), a praça da democracia foi idealizada com um propósito: “trazer para as novas gerações a importância da consolidação, manutenção e luta democrática.” Todavia, é fundamental compreender se o objetivo do idealizador teve êxito. As entrevistas realizadas com alguns discentes nortearam esse processo.

Segundo as informações coletadas, nota-se que a construção da praça foi muito positiva. O espaço (a priori) era utilizado de maneira tímida e apenas por alguns grupos específicos da universidade. Após a construção do memorial tornou-se agradável e



confortante permanecer no ambiente. Atualmente, houve aumento da presença de várias “tribos”, aulas são realizadas pelos docentes e o comparecimento da comunidade próxima da Universidade cresceu (o que era um dos objetivos: apropriação pelo corpo social sergipano).

De maneira idêntica, é possível observar que (apesar de benéfica) a apropriação do local não condiz totalmente com a finalidade que deveria exercer. O saldo de movimentos estudantis explorando a importância da democracia no país é pouco ou inexistente. As frases espalhadas, ainda que remontem criticamente a regimes autoritários, poucos são lidas.

No que se refere a questões espaciais, por se tratar de um ponto central na universidade, é utilizada como acesso para se chegar a outros nichos além de ser um local de estudo e acessos às mídias digitais. Embora tenha cunho democrático isso não reflete a sensação da magnitude que significa.

Esteticamente, o ambiente é belo e amplo. Recepciona muito bem alunos novos e a sociedade civil em visitas ao local. Contudo, já que a intenção seria a refletir acerca da importância da democracia no país e a massificação de críticas aos regimes autoritários, símbolos como a “Mão aberta ao diálogo”, poderiam ser mais claros quanto ao seu significado.

Ainda mais, sendo a democracia um dos aspectos mais indagados pelo corpo social, por que não deixar que a própria população possa cita-la ou questiona-la? porque não deixar os habitantes expor seus pensamentos a respeito do autoritarismo? Assim, o conhecimento da história sergipana, teria a valoração e argumentação popular, sendo então, uma democracia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É mister que os caminhos de um país até os autos democráticos são construções históricas imprescindivelmente relevantes. Promover movimentos e atitudes que retomem a memória da nação evidenciam o valor de práticas populares, posicionamentos políticos e exercício da democracia como direito do cidadão comum. O memorial na Universidade Federal de Sergipe foi construído com específicas



intenções de fazer emergir na sociedade acadêmica um sentimento de repúdio ao passado autoritário do país, somado a honradez do caminho traçado para a conquista de uma nação democrática.

Entretanto, é possível notar certa problemática quanto à percepção dos que frequentam o ambiente com relação ao seu propósito principal: a reflexão sobre importância da democracia no Brasil. A praça utilizada como acesso a outros meios da universidade não apresenta o objetivo pelo qual foi construída. Pelo contrário: atinge uma valoração fútil. Especialmente é bem frequentada mas pouco observada e conseqüentemente transborda poucas convicções democráticas por parte dos estudantes.

Logo, é preciso que o engajamento em movimentos que remetam as complicações enfrentadas pelo país anteriormente, somando exposições que dialoguem sobre a atuação governamental democrática contemporânea. A presença dos discentes e docentes nesses contextos são inegavelmente necessárias afim de gerar interação, troca de conhecimentos e debates produtivos acerca do principal tema exposto na praça: a democracia.



REFERÊNCIAS

MOISÉS, José Álvaro. **Os Brasileiros e a Democracia: bases sócio-políticas da legitimidade democrática.** Editora Ática, 1995.

DURIGUETTO, Maria Lúcia. **Sociedade Civil e Democracia: um debate necessário.** Cortez Editora, 2007.

BRAZ, Marcelo. **O golpe nas ilusões democráticas e a ascensão do conservadorismo reacionário.** Serv. Soc. Soc. [online] Scielo. São Paulo, n. 128, pp. 85-103, 2017.

PORTAL UFS. Disponível em: <<http://www.ufs.br/>>. Acesso em: 22 março. 2020